

RESUMO/ABSTRACT

**O CÍRCULO DE MIKHAIL BAKHTIN E O ESTRUTURALISMO: A PRESENÇA DA FILOSOFIA NAS REFLEXÕES LINGUÍSTICAS**

**Resumo:** Este trabalho parte de um confronto entre a Linguística Estrutural de Ferdinand de Saussure e o pensamento do círculo de Mikhail Bakhtin sobre a linguagem para explicar as relações entre a criação de uma linguística da enunciação e as reflexões sobre a ética presentes em Para uma filosofia do ato responsável, de Mikhail Bakhtin.

**Abstract:** This paper presents a confrontation between the Structural Linguistics of Ferdinand de Saussure and the thought of circle of Mikhail Bakhtin on language to explain the relationship between the creation of a linguistic of utterance and reflections on Ethics in present Towards a philosophy of the responsible act, by Mikhail Bakhtin.

**O CÍRCULO DE MIKHAIL BAKHTIN E O ESTRUTURALISMO: A PRESENÇA DA FILOSOFIA NAS REFLEXÕES LINGUÍSTICAS**

*João Vianney Cavalcanti Nuto*

UnB - Universidade de Brasília

Muito se tem publicado sobre as relações entre o pensamento do círculo de Mikhail Bakhtin e a Linguística, com destaque para suas críticas à Linguística Estrutural de Saussure e a certa orientação psicologista de base romântica que aborda a linguagem a partir do indivíduo “puro”, dissociado de suas relações sociais, ou uma versão coletiva deste, sintetizada na noção de um “espírito do povo”. Trata-se de duas orientações que Volochinov, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, denomina “objetivismo abstrato” e “subjativismo individualista”. Não tem sido menor, tanto nas reflexões teóricas quanto na prática pedagógica, a repercussão da concepção bakhtiniana de gênero do discurso. Contudo, o núcleo que destaca o estudo da linguagem por Bakhtin e seu círculo é a elaboração de uma linguística da enunciação, uma metalinguística, como denomina Bakhtin em *Problemas da Poética de Dostoiévski* – que é precursora das análises do discurso contemporâneas.

Em que pesem as diferenças de estilo e, até certo ponto, de terminologia, entre o livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* – atribuído a Bakhtin, mas assinado por Volochinov, e os ensaios e demais textos assinados pelo próprio Bakhtin, todas as obras do círculo de Bakhtin não somente enfatizam a importância de incluir os fenômenos da enunciação nos estudos linguísticos, como também elaboram concepções importantes como o caráter ideológico do signo correlacionado com o caráter semiótico da ideologia e a distinção entre significação (os sentidos reiteráveis) e tema (o novo sentido que surge no próprio ato da enunciação). (BAKHTIN (VOLOCHINOV), p. 31, 128) Ao valorizar a enunciação, o círculo de Bakhtin explora aquela dimensão que foi apenas apontada por Ferdinand de Saussure: o caráter social da língua. De fato, após afirmar que a língua é o resultado social da faculdade da linguagem, Saussure volta-se para o seu verdadeiro objeto (o sistema), e elabora reflexões inovadoras sobre o sistema linguístico. As críticas de Bakhtin e seu círculo à linguística estrutural não visam a desvalorizar a contribuição de Saussure ou negar completamente suas concepções, mas a acrescentar uma dimensão não explorada pelo mestre genebrino: a enunciação. Ao denominar o estudo que propõe “metalinguística”, Bakhtin explicita a noção de que o

seu objeto de investigação é diverso daquele de Saussure, mas também deixa claro que os fenômenos da enunciação se apoiam tanto na atualização do sistema linguístico como nos elementos reiteráveis dessa outra estrutura, mais ligada à vida social, que é o gênero do discurso.

Menos exploradas que as contribuições inovadoras do círculo de Bakhtin para os estudos linguísticos têm sido as relações entre essas contribuições e outros aspectos do pensamento filosófico de Mikhail Bakhtin. Essa associação contribui para desfazer aquela impressão, emitida por Todorov, de que “há vários bakhtins” (TODOROV, 2006, p. XIII). Também contribui para relativizar a noção de uma “virada linguística”, das reflexões do círculo de Bakhtin (FARACO, 2003), pois, embora tenha havido um enfoque maior em questões linguísticas a partir da elaboração de *Marxismo e filosofia da linguagem*, o fato é que os fenômenos linguísticos (incluindo a enunciação) interessaram a Bakhtin desde o início, estando presente, em maior ou menor grau, em praticamente todos os textos, mesmo aqueles cujo objeto não é a linguística, como é o caso de *Para uma filosofia do ato responsável*. Convém destacar, por exemplo, que o que distingue a teoria do romance de Mikhail Bakhtin daquelas de outros pensadores como Hegel e Lukács, é sua ênfase nos aspectos linguísticos, nunca dissociados dos aspectos ideológicos. Com isso, Bakhtin supera aquela divergência – comum tanto em sua época como posteriormente – entre abordagens formalistas e abordagens sociológicas da Literatura. O próprio Bakhtin reafirma a necessidade de uma estilística sociológica, que atenda às construções linguísticas sem deixar de tomar em consideração a dimensão social e ideológica do signo linguístico. A atenção aos fenômenos da língua também está presente no seu estudo da obra de Dostoiévski, com um capítulo dedicado unicamente aos aspectos linguísticos; como também no estudo sobre Rabelais, no capítulo dedicado ao vocabulário da praça pública.

Associar a teoria linguística à filosofia de Bakhtin como um todo contribui para desfazer equívocos e evitar reducionismos, como limitar a concepção de dialogismo ao fenômeno da intertextualidade. É preciso observar que a valorização do enunciado por Mikhail Bakhtin faz parte de sua valorização do ato, no plano das reflexões sobre a ética e a cognição. Essa orientação filosófica, que permeia toda a ótica de Bakhtin, já está presente em seu primeiro texto: *Para uma filosofia do ato responsável*. Nesse seu primeiro texto, só publicado depois das obras mais conhecidas, Bakhtin defende e ensaia a criação de uma filosofia que não se dedique apenas ao que é reiterável, sistêmico, mas valorize a singularidade de cada ato do que denomina existir-evento.

Esta valorização implica considerar a singularidade não só como digna da reflexão filosófica, mas também importantíssima para a constituição do ser humano como ser ético. A singularidade do ato no existir-evento é superior á simples identidade, pois, como explica Augusto Ponzio, na identidade, a singularidade é esvaziada: o ser humano é visto apenas como um exemplar de uma espécie ou de um grupo (PONZIO, 2010, p. 18). Como afirma Bakhtin, a afirmação “todo homem é mortal” é verdadeira do ponto de vista lógico, mas, do ponto de vista existencial, existe o importantíssimo aspecto de que o peso emocional da morte de uma pessoa próxima e querida é diferente do peso e da significação da morte de um desconhecido. Portanto, do ponto de vista emocional e ético, isto é, do ponto de vista da vida realmente vivida, os homens não são igualmente mortais no que diz respeito ao valor de da cada morte para cada indivíduo que vivencia a experiência da morte do outro. Como afirma Augusto Ponzio, para uma mãe que perdeu um de seus dez filhos, não é consolo simplesmente afirmar que ela ainda tem mais nove, pois o que se perdeu não foi apenas um exemplar de um grupo ou de uma espécie, mas um ente absolutamente singular – e de um valor, para ela mesma, também singular e maior que para a maioria das pessoas. Trata-se da distinção entre uma afirmação de caráter geral e abstrato, que parece manifestar-se como se dita por ninguém e a afirmação feita a partir da vivência pessoal do fato.

As concepções acima são extremamente importantes quando pensamos na possibilidade de regimes totalitários, mas também certas ideologias neoliberais, que tendem a, com o pretexto de que os fins justificam os meios, reduzir o ser humano a tipos específicos, indivíduos de espécies, simples peças de uma engrenagem, peças que, se tidas como obsoletas, podem ser substituídas por outras peças. Contribuí para a desconstrução de estereótipos, pois a valorização da singularidade destrói aquela visão de que “todos os japoneses são iguais”, por exemplo: obriga-nos a olhar para a singularidade velada pela identidade.

Ao atribuir tamanha importância à singularidade no existir-evento (isto é, na vida, como evento, em sua dimensão ética), Bakhtin chama a atenção para a singularidade do ato e suas consequências éticas. Para Bakhtin, a vida humana consiste em uma sucessão de atos éticos, sempre tendo como base a relação de um ser humano com o outro. Cada ato ético não pode ser completamente prescrito de antemão, nem pode ser praticado indistintamente por qualquer um, pois o ato ético parte da posição absolutamente singular de cada pessoa no mundo, além de sua própria singularidade como pessoa. Portanto, cada ato ético envolve uma responsabilidade absolutamente

singular, pessoal e intransferível, que Bakhtin denomina de “não-álibi no existir”. Não se trata da responsabilidade mais geral inerente a um cargo ou função, por exemplo, mas daquela responsabilidade atribuída à pessoa como pessoa, como existência singular no mundo. Assim, para Bakhtin, a ética nunca pode ser completamente reduzida a leis gerais a serem aplicadas indistintamente, mas às possibilidades e necessidades do ato concreto no existir-evento.

Cabe perguntar o que essas reflexões éticas do primeiro Bakhtin teriam a ver com as reflexões linguísticas posteriores de Bakhtin e seu círculo. Antes de tudo, devemos reafirmar que, nesse pequeno texto inacabado que é *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin já inclui algumas reflexões sobre a linguagem que antecipam as futuras reflexões mais desenvolvidas sobre o enunciado. Nesse texto, Bakhtin destaca o papel emotivo-volitivo da entonação, vista não somente como um processo físico, mas como uma forma de expressão da palavra viva: “Pelo simples fato de que eu comecei a falar dele, já entrei em uma relação que não é indiferente, mas interessado-afetiva, e por isso a palavra não somente denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também, com a sua entoação, (...) a minha atitude avaliativa em relação ao objeto – o que nele é desejável e não desejável (...)” (BAKHTIN, 2010, p. 85). Acrescenta Bakhtin: “O tom emotivo-volitivo é um momento imprescindível do ato, inclusive do pensamento mais abstrato enquanto meu pensamento realmente pensado, isto é, na medida em que o pensamento realmente venha a existir, se incorpore no evento.” (BAKHTIN, 2010, p. 86)

Uma leitura em ordem cronológica das obras de Mikhail Bakhtin e seu círculo permite que se perceba a relação entre seu pensamento ético, sua teoria do romance, sua obra de crítica literária e seu pensamento sobre a linguagem. Toda a ênfase de Volochinov e Bakhtin sobre os fenômenos da enunciação e a necessidade de incluí-los nos estudos da linguagem liga-se a essa primeira valorização da singularidade, no campo da ética, por Bakhtin. Assim como busca uma filosofia que abarque também a singularidade, Bakhtin e seu círculo buscam uma filosofia da linguagem que não descarte o enunciado: orientação oposta à de Saussure, que considera a *parole* (fala) um fenômeno absolutamente individual, portanto, não passível de estudo científico. As afirmações de Bakhtin sobre a importância semântica do tom, bem como a noção de tema por Voloshinov, relacionam-se com a valorização da fala (a *parole* de Saussure) não como um simples processo físico ou uma manifestação individual caótica, mas como um elemento essencial da língua viva. Pode-se dizer que Bakhtin e seu círculo

resgatam a *parole* (fala, mas, sobretudo, discurso) para os estudos da linguagem. Isto tem enorme importância para os estudos literários, por articular as estruturas, superficiais ou profundas, atuais ou virtuais, com a riqueza específica de cada enunciado, isto é, de cada obra literária.

Do ponto de vista dos estudos da linguagem, é importante observar a diferença entre o emissor do enunciado e o emissor do sintagma. A linguística amiúde refere-se ao falante, sendo a fala, depurada de sua singularidade, reduzida à simples atualização do sistema, por meio da construção do sintagma. O falante pode ser qualquer pessoa que, seguindo as leis combinatórias do sistema (a gramática) produza um sintagma que outros membros da mesma comunidade linguística percebam como “normal”. Não importa, nessa visão puramente estruturalista, a natureza social desse falante e seu tempo e lugar de enunciação. Posteriormente, a linguística passou a tomar em consideração alguns fenômenos da fala, incluindo a dimensão do contexto nos enunciados orais. Contudo, isto ainda é mais restrito, do ponto de vista de uma linguística sociológica, que as concepções do círculo de Bakhtin. Ao contrário do sintagma, que é produzido por um falante, ainda que sua fala seja influenciada pelo contexto e pela enunciação, o enunciado é emitido por um autor. Todo enunciado tem autor, que é mais que simples falante. Ser autor implica não apenas falar, mas dizer. Dizer não é apenas emitir uma comunicação neutra, mas agregar à fala todas as marcas ideológicas, emotivas, afetivas que partem daquele eu singular que emite o enunciado. Ser autor implica dizer a partir de um lugar de enunciação que não é uma simples posição no diálogo, mas um lugar histórico e social, que condiciona as conotações ideológicas do enunciado que profere. Para Bakhtin e seu círculo, o processo de comunicação não envolve apenas um emissor e receptor, como se a mensagem fosse um simples objeto passado de uma mão a outra, mas de um autor que emite e de outro autor que não apenas recebe, mas compreende, isto é, agrega responsivamente sentidos à informação recebida, elaborando, no próprio ato de compreensão, um novo enunciado. Ser autor, portanto, consiste no ato inevitável de apor sua assinatura sobre o que é dito. Assinar, nesse sentido metafórico, não consiste em identificar-se como pessoa civil: mesmo enunciados completamente anônimos, construídos por meio de uma retórica de absoluta objetividade, também têm autor, se vistos pela perspectiva bakhtiniana, pois a enunciação (assim como a compreensão, que é uma enunciação responsiva) também é um ato ético, portanto, responsável.

Contudo, de modo algum a valorização da singularidade do ato, em todas as suas dimensões, implica uma completa pureza dessa singularidade. Entender deste modo seria seguir o caminho do subjetivismo individualista, tão criticado por Volochínov. O homem singular não é o homem isolado, nem física nem espiritualmente. Pelo contrário, essa singularidade se constrói socialmente, por meio da relação com o outro. Talvez seja este o sentido da afirmação de Bakhtin de que “a alma é um dom do espírito ao outro”. Nesta relação com outro, encontra-se a raiz do dialogismo, conceito filosófico muito mais abrangente e profundo que o conceito de intertextualidade elaborado por Julia Kristeva. Do ponto de vista estritamente linguístico, essa tensão entre o singular e o social, encontra-se na afirmação do círculo de Bakhtin de que todo signo (e todo enunciado) é um Janus bifronte: por um lado é composto por elementos reiteráveis, que permitem a comunicação (compreensão responsiva do outro e da comunidade); por outro lado, leva também a singularidade própria de qualquer enunciação: singularidade do autor emissor e de cada receptor autor. Mas, também no que diz respeito aos aspectos reiteráveis do signo e do enunciado, o pensamento do círculo de Bakhtin ultrapassa o âmbito da linguística estrutural, antecipando a análise do discurso, pois esses elementos não são apenas aqueles do paradigma, mas também aqueles, mais ligados à vida social da língua: aqueles que compõem os gêneros do discurso. Portanto, na visão do círculo de Bakhtin, a produção do enunciado não consiste apenas na combinação dos elementos virtuais do paradigma (isto produz o sintagma, mas sintagma ainda não é enunciado). A fala precisa recorrer a um gênero do discurso, para tornar-se enunciado, isto é, para funcionar efetivamente na interação social. Assim como a estrutura a língua e o vocabulário, o gênero não é criação puramente individual, mas social. A criança (como ser social, não apenas como simples falante) não assimila o paradigma nem o sintagma puro (abstrações da análise linguística estrutural): ela os assimila por meio da recepção e utilização em gêneros do discurso específicos. E, aos poucos, vai aprendendo sobre as implicações sociais e éticas do ato de enunciar.

### **Referências bibliográficas**

- BAKHTIN, M. Apontamentos 1970-71. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tr. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 359-366.
- \_\_\_\_\_. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tr. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tr. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 201-306.

\_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tr. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_.; VOLOCHINOV, V. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe de enunciação – A palavra na vida e na poesia: introdução à poética sociológica*. Tr. Allan Pugliese, Camila Caracelli Scherma, Carlos Alberto Turati, Fabrício César de Oliveira. Marina Haber de Figueiredo; Regina Silva, Valdemir Miotello. São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2011.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tr. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Edições Criar, 2003.

FLORES, V. N. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação. In: BARBISAN, L. B.; FLORES, V. N. (org.). *Estudos sobre enunciação, texto e discurso. Letras de hoje*. Porto Alegre: Edipucrs, v. 36, n. 4. p. 7-67, dez. 2001.

\_\_\_\_\_. Bakhtin e Saussure: convergências e divergências.

KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

PONZIO, A. A concepção bakhtiniana de ato como dar um passo. In: \_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tr. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2010. p. 9-38

PONZIO, A.; CALEFATO, P.; PETRILLI, S. *Fundamentos de Filosofia da Linguagem*. Tr. Ephrain F. Alves. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Tr. Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970.

TODOROV, T. Prefácio à edição francesa. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tr. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. XIII-XXXIV

### Sites

TEIXEIRA, M. O círculo de Bakhtin e a Linguística: o abstrato e o concreto na constituição do sentido. <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/489/300>. Acesso em 27.04.2013.